

Fotos: Arquivo pessoal

comecei a treinar com o professor Pedro no Minas Brasília, e passei a participar dos campeonatos aqui.”

Profissional em formação

Num dos jogos, foi descoberto pelo clube de São José dos Campos, e aos 17 anos, deixou Brasília para se tornar profissional. Passou ainda por Monte Líbano, Flamengo e foi o segundo brasileiro da história a jogar na NBA, a liga norte-americana do esporte, que tem por padrão selecionar atletas do país que tenham passado por universidades nos Estados Unidos.

“Fiquei feliz, porque o caminho natural para chegar à NBA naquela época era passar pelas universidades americanas, e aí tem um draft e você é selecionado pelas equipes. Eu quebrei isso. Fui direto da equipe daqui, o Monte Líbano, para o Dallas”, destaca Pipoka. “Para mim, foi uma uma satisfação imensa poder trabalhar com os caras lá. Foi pouco tempo, mas muito intenso. E me serviu para ser professor também, ver que você tem de tentar sempre chegar à excelência, ser a vitrine, ser o exemplo daquilo que você faz.”

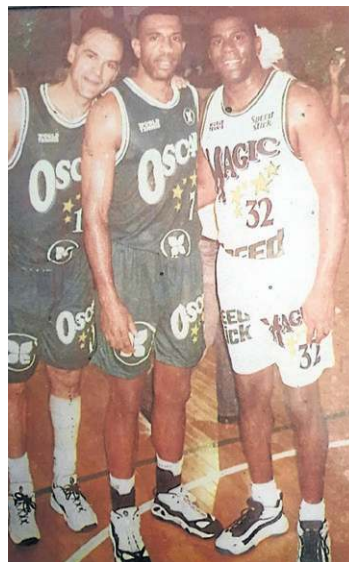
O fim da carreira foi no Univer-so, de volta à terra natal, Brasília. Pipoka conta que só carrega dois arrependimentos na vida. O primeiro é não ter aceitado o convite que recebeu para estudar nos EUA quando houve o convite. A migração teria permitido treinar com as melhores condições, e não no improviso, como ocorria no Brasil. Em vez de poucos meses de atuação, ele acredita que teria feito carreira da NBA. O segundo arrependimento é uma cirurgia mal-sucedida para correção da miopia, que comprometeu ainda mais a visão.

Mesmo nas condições pouco ideais concedidas pelo esporte brasileiro, a Seleção Masculina de Basquete da qual ele fez parte, conseguiu o feito até hoje imbatível: ganhar dos norte-americanos em casa. O que ocorreu foi uma conjugação perfeita de fatores, como narra Pipoka: dois grandes gênios do esporte, jogando com um time igualmente talentoso e bem treinado; uma mudança de regra recente; e a arrogância dos donos da casa.

“Quando nós começamos a jogar, a coisa ia saindo muito fácil. Tínhamos os melhores arremessadores do mundo, Oscar e Marcel, um pivô de muita força, o Israel (Machado), e o restante muito versátil”,



Paixão pelo basquete inspirou a carreira de professor também. Pipoka teve vários mentores



Com Oscar e Magic Johnson; com a tocha olímpica dos Jogos do Rio, em 2016; e a medalha do Pan de 1987

avalia. A partir do momento que Oscar e Marcel conseguiram encaixar as cestas de três pontos (recém-implementadas no esporte), ninguém mais segurou a Seleção.

Na avaliação de Pipoka, inclusive, esse nem foi o jogo mais difícil da competição. A partida anterior, contra o México, que imprimiu um ritmo muito parecido ao brasileiro, havia sido muito mais complexa. E, para ele, se o técnico da seleção All Star tivesse assistido a esse jogo, teria evitado o triunfo brasileiro.

Mas a história recompensou o talento dos nossos ícones, que voltaram para casa ovacionados. Pipoka, que jogava como pivô, lembra que demorou a entender a dimensão do feito. Nem a ligação para casa, quando ouviu do pai que a rua do Beirute, na 109 Sul, havia parado para celebrar, foi suficiente. A ficha caiu quando entrou no avião de volta para o Brasil e no bolso da poltrona à frente a capa do *The New York Times* estampava a foto dos jogadores brasileiros.

O grupo mantém contato até hoje, por meio do WhatsApp, e compartilha lembranças. No

E o apelido?

Já na infância João José virou Pipoka. Ele conta que no intervalo das aulas sempre comprava um saquinho de pipoca doce para comer. Uma amiga, Milena, inventou, então, o apelido. Quando começou a treinar no Minas, o técnico Pedro perguntou como poderia chamá-lo, pois João José era um nome muito grande. Ele só conseguiu pensar no apelido da escola, e assim virou Pipoka Vianna.

próximo ano, planejam um reencontro para celebrar os 40 anos da conquista histórica, com o amargor e as saudades eternas deixadas pela partida do líder Oscar Schmidt.

O primeiro encontro de Pipoka com Oscar não foi presencial. É do Mão Santa o primeiro tênis de basquete que ele usou. “Meu pai não tinha grana para comprar. Naquela época só tinha importado”,

conta o craque, que calça 47/48. “O Oscar, que já viajava, já era da Seleção Brasileira, doou um tênis usado ao professor Pedro e ele me deu”, relembra, com carinho. “Eu vivenciava o basquetebol de forma bastante profunda. Saía de um campeonato para o outro — paulista, brasileiro, Seleção —, e era um prazer também. Jogava muito, muito”, orgulha-se.

Estudos sempre em dia

Depois da dificuldade em terminar o curso de economia, Pipoka partiu para o de comércio exterior, mas outro problema interrompeu a jornada: o programa humorístico da *TV Globo Caseta&Planeta*. Uma das esquetes mais famosas fazia piadas com produtos muito ruins da empresa fictícia Organizações Tabajara.

Acontece que Pipoka cursava graduação na Faculdade Tabajara, e logo viu que poderia ter problemas no mercado com o diploma. Hoje, ele leva a situação com bom-humor e conta que a faculdade trocou de nome para evitar

mal-entendidos. Uma amiga educadora física, então, deu o conselho que o ajudou a decidir os novos rumos. À época, jogava no Flamengo, e conseguiu se matricular e concluir a graduação em educação física na Universidade Gama Filho.

O convite para assumir uma cadeira no curso de graduação da Unieuro, em Brasília, veio anos mais tarde, perto da aposentadoria das quadras. Mas aí outro dilema se impôs, o que ele chama de “pegadinha da vida”. Pipoka percebeu que, apesar de todos os estudos e treinos, não sabia ensinar.

Chegou o momento de pedir apoio a mais um dos mestres da sua trajetória. Ele recorreu ao professor Ronaldo Pacheco, treinador de diversos clubes e que dava aulas na Universidade de Brasília (UnB). “Vem aqui para casa tomar um café que a gente conversa sobre isso”, chamou Ronaldo ao atender à ligação. Pipoka fez um intensivão de algumas horas e saiu de lá com recomendações de leitura que seguiu à risca.

“Um dia antes de eu começar a dar a minha primeira aula não dormi, de nervosismo. E assim fui. Quando terminou a aula e botei o pé em casa, dormi até o outro dia”, conta, aliviado. E assim tem sido desde 2007. Hoje, o local de trabalho é a Universidade Projeção. O objetivo da carreira, agora, é fazer o doutorado, por uma questão de excelência, mas também de representatividade. “Aí voltamos ao início da carreira, à excelência, à busca de ser referência. E ainda tem o fato de eu ser negro. Poucos negros têm doutorado ou um diploma de graduação.”

Pipoka também é um defensor da qualidade dos cursos de educação física. Na avaliação dele, uma graduação a distância não forma profissionais preparados. “Precisa de investimento, gestão, tudo. A começar pela coragem de proibir, porque o nível dos professores que estão sendo formados é baixíssimo”, alerta. “Você vai entregar seu filho numa piscina a um professor que aprendeu a nadar vendo o vídeo?”, questiona.

Apesar das mudanças que ele acredita serem necessárias, Pipoka assegura que se encontrou na nova carreira. “Eu sou feliz demais nessa nova profissão, e fico muito feliz de dar e receber dos meus alunos esse desejo de continuar buscando excelência. Porque, se eu não visualizar mais isso, não vibrar com cada dia de aula, eu iria encerrar e começar outra atividade.”